



Universidade de Brasília
Instituto de Artes
Departamento de Artes Cênicas
Licenciatura em Teatro

**TEATRO DE BONECOS: RELATO DE UMA PROPOSTA ARTÍSTICO-
PEDAGÓGICA COM ALUNOS DO ENSINO MÉDIO DE UMA ESCOLA PÚBLICA
ESTADUAL DE RIO BRANCO/AC**

Silvia Rejane Teixeira de Abreu

Rio Branco/AC

2017

Silvia Rejane Teixeira de Abreu

**TEATRO DE BONECOS: RELATO DE UMA PROPOSTA ARTÍSTICO-
PEDAGÓGICA COM ALUNOS DO ENSINO MÉDIO DE UMA ESCOLA PÚBLICA
ESTADUAL DE RIO BRANCO/AC**

Trabalho de Conclusão do Curso de Graduação de
Licenciatura em Teatro do Departamento de Arte
Cênicas do Instituto de Artes da Universidade de
Brasília.

Orientadora: Professora Mestre Angélica Beatriz Souza
e Silva

Rio Branco/AC

2017

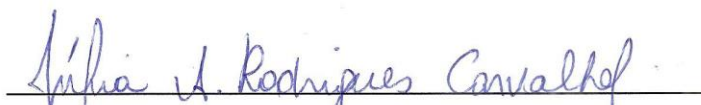
SILVIA REJANE TEIXEIRA DE ABREU

**TEATRO DE BONECOS: RELATO DE UMA PROPOSTA ARTÍSTICO-
PEDAGÓGICA COM ALUNOS DO ENSINO MÉDIO DE UMA ESCOLA PÚBLICA
ESTADUAL DE RIO BRANCO/AC**

Trabalho de conclusão de curso aprovado, apresentado a UnB - Universidade de Brasília, no Instituto de Artes, Departamento de Artes Cênicas- CEN como requisito para obtenção do título de Licenciatura em Teatro com nota final igual a MS sob a orientação do (a) professor (a) Mestre Angélica Beatriz Souza e Silva.

Rio Branco - AC, 25 de novembro de 2017.


Professora Mestre Angélica Beatriz Souza e Silva


Professora Mestre Julia Alves Rodrigues Carvalho


Professor Doutor Leonel Martins Carneiro

Dedicatória

À minha mãe Teresinha, grande mulher, ao meu pai Ricardo, grande homem, por acreditarem em mim e me inspirarem a cada dia.

Aos meus irmãos professores e aos alunos da vida, pelo incentivo e apoio que sempre deram em minha incessante busca pelo conhecimento.

Ao João Luiz da Silva, esposo parceiro e paciente.

Aos queridos alunos da Turma de 3º Ano de 2016, da Escola Humberto Soares da Costa, os principais personagens desse relato de experiência.

Agradecimentos

A **Deus**, por ter me permitido e inspirado o pensar as palavras;

Aos meus pais **Ricardo de Abreu e Teresinha Teixeira de Abreu** que sempre me inspiraram com seus bons exemplos de amor e vida;

Ao meu esposo **João Luiz**, pela companhia, parceria e cumplicidade nos momentos de estudos solitários;

Aos meus **irmãos** que me incentivam a ser melhor a cada dia;

À minha tutora presencial e amiga **Marília Bomfim**, sem a qual jamais teria concluído com êxito este curso;

À minha colega de curso e amiga **Priscila Peres**, pela parceria e solidariedade e incentivo;

À minha orientadora **Angélica Beatriz Souza e Silva** que me ajudou bastante na organização deste trabalho;

Às queridas Ex-coordenadora de Ensino da Escola **Joseane Mezerhane** e Ex-coordenadora Pedagógica da Escola **Rozimeire Moraes**, pelo valioso apoio que me proporcionaram a realização desta pesquisa;

Ao querido Diretor **Aldino Schattat** por acreditar em meu trabalho e em meu Projeto respeitando-os;

Às queridas Coordenadora de Ensino **Ester Mukay Assaf** e Coordenadora Pedagógica da Escola **Juliana Marinho**, que acreditaram em meu trabalho, me incentivaram e abraçaram meu Projeto com carinho e atenção;

Aos diletíssimos **alunos da Turma de 3º Ano de 2016**, percussores da minha pesquisa, que fizeram dessa trajetória uma fonte empírica para muitas propostas pedagógicas do Teatro de Bonecos;

Aos colegas **professores e funcionários da Escola Humberto Soares da Costa, do ano de 2016**, pela amizade, parceria e incentivo;

A **todas as pessoas** que direta ou indiretamente participaram de todo o processo de realização de meus trabalhos até o presente momento.

RESUMO

O presente trabalho tem por finalidade apresentar o relato de uma trajetória pessoal de pesquisa descrevendo as atividades e observações realizadas durante o desenvolvimento de um Projeto artístico-pedagógico em sala de aula intitulado “Teatro de Bonecos na Escola: brincadeira ou coisa séria?”. A metodologia de pesquisa para este TCC é de natureza explicativa e exploratória. A experiência aqui descrita é fruto da prática vivenciada junto a alunos de 3º Ano do Ensino Médio, de uma Escola Pública Estadual de Rio Branco/AC. Esta narrativa tem como objetivo relatar aspectos experimentados por meio de oficinas teatrais, com o intuito de propor uma reflexão a partir da experiência da construção de cenas com bonecos. Ao longo do texto relataremos as atividades postas em prática no desenvolvimento do Projeto traçando um diálogo com os autores pesquisadores que formam aparato teórico de fundamentação da nossa pesquisa: Augusto Boal, Ana Maria Amaral, Valmor Nini Beltrame, Henrique Sitchin e outros. Encerramos com as considerações finais, nas quais estarão impressas as opiniões e conclusões acerca do que foi vivenciado durante o primeiro semestre de 2016.

Palavras-chave: Teatro de bonecos. Bonecos de manipulação direta. Escola pública.

LISTA DE ABREVIATURAS

Borracha feita da mistura de Etil, Vinil e Acetato	EVA
Centro de Educação Permanente	CEDUP
Laboratório de Teatro 04	LAB TEA 04
Laboratório de Teatro 04	LAB 04
Música Popular Brasileira	MPB
Rio Grande do Sul	RS
Secretaria de Educação do Estado do Acre	SEE/AC
Tecido Não Tecido	TNT
Teatro do Oprimido	TO
Trabalho de Conclusão de Curso	TCC
Universidade Aberta do Brasil	UAB
Universidade Federal do Acre	UFAC
Universidade de Brasília	UNB

LISTA DE IMAGENS

Sequência 01	Oficina de manipulação de bonecos de luva, com a Professora Bárbara Benatti	12
Sequência 02	Oficina de confecção de bonecos de manipulação direta	13
Sequência 03	Oficina de manipulação de bonecos de manipulação direta, com a Professora Kaise Helena	13
Sequência 04	Bonecos modelos	24
Sequência 05	O primeiro contato dos alunos com os bonecos em sala de aula	25
Sequência 06	Construção do boneco	27
Sequência 07	Processo de amarração dos membros do corpo do boneco	28
Sequência 08	Bonecos finalizados com as hastes de apoio	29
Sequência 09	Nomes dos bonecos	35
Sequência 10	Sequência de cenas da apresentação final	36
Sequência 11	Apresentação no V Sarau do CEDUP	38

LISTA DE TABELAS

TABELA 01	Cronograma do Projeto	17
-----------	-----------------------	----

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS	10
1 RELATANDO A TRAJETÓRIA DE PESQUISA	12
1.1 Preparando o terreno: o projeto	12
1.2 O Teatro de Bonecos	18
1.3 O Boneco de Manipulação direta	20
2 AS ATIVIDADES PRÁTICAS	23
2.1 Confeção dos bonecos	24
2.2 As Oficinas	30
2.3 Criação de cenas	33
2.3.1 A culminância do Projeto - etapa final	35
CONSIDERAÇÕES FINAIS	40
REFERÊNCIAS	43
ANEXO	45

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O presente escrito constitui-se do relato da minha trajetória pessoal de pesquisa descrevendo as atividades e observações realizadas no primeiro semestre de 2016, quando coloquei em execução um projeto com uma proposta artístico-pedagógica intitulada “Teatro de Bonecos na Escola: brincadeira ou coisa séria?”. Esta pesquisa é um estudo deste Projeto realizado com alunos do 3º Ano do Ensino Médio, da Escola de Ensino Fundamental e Médio Professor Humberto Soares da Costa. Meu objetivo é relatar aspectos experimentados por meio de jogos e oficinas teatrais, com o intuito de propor aos estudantes uma reflexão a partir da experiência da construção de cenas com bonecos de manipulação direta.

A escolha do tema do Projeto justificou-se pela observação do comportamento de alguns alunos nos corredores da escola e nas salas de aula. Era muito comum ver e ouvir brincadeiras violentas relacionadas ao *bullying*, ao preconceito e à homofobia. Dessa forma, senti-me motivada a propor atividades lúdicas que conduzissem os alunos a refletir e discutir sobre esses assuntos, desenvolvendo a criticidade a partir das vivências com o teatro de bonecos.

A ideia do uso do teatro de bonecos de manipulação direta teve sua origem nos estudos sobre o Teatro de Formas Animadas, realizados na disciplina de Laboratório de Teatro 4, do Curso de Licenciatura em Teatro da Universidade de Brasília (UnB), no segundo semestre de 2015. A proposta da disciplina era confeccionar e manipular bonecos de manipulação direta para a criação de cenas teatrais de nossa livre escolha. A proposta do Projeto com os alunos era a confecção e manipulação de bonecos para a criação de cenas, as quais refletissem situações conflituosas do cotidiano deles.

Essa pesquisa justifica-se pelo meu desejo pessoal em mostrar aos colegas profissionais de ensino da Arte uma maneira de proporcionar aos estudantes atividades lúdicas que explorem o campo dos sentidos e das emoções, despertando-os para a reflexão crítica de aspectos de nosso cotidiano. Portanto, a narrativa é destinada a professores e a tantas outras pessoas interessadas pelo teatro de bonecos que, assim como eu, buscam novas formas de fazer, ver e viver a Arte. O texto mostra que é possível levar o Teatro de Bonecos para a sala de aula, no contexto da Escola Pública e com ele, além de se ensinar aspectos sobre o Teatro, também discutir sobre temas culturais e/ou sociais que permeiam o convívio dos alunos cotidianamente, de maneira lúdica, divertida e, ao mesmo tempo, reflexiva.

Muitos trabalhos já foram desenvolvidos sobre o tema “Teatro de bonecos na escola”, Entre os autores que pesquisaram sobre o assunto, estabeleço diálogo neste TCC,

principalmente, com as dissertações de mestrado de: Adriano de Almeida Ferraiuoli (2011) que escreveu: *A ludicidade e a expressão criativa: o teatro de bonecos, na construção de experiências estéticas na Educação Básica* e Emile Miachon (2006), autora de: *A abordagem cultural na prática pedagógica: análise de uma experiência com o teatro de bonecos em Escolas Públicas*. Campinas – SP – década de 2000. Dialogam com o meu texto autores pesquisadores do Teatro de formas Animadas e do Teatro de Bonecos: Ana Maria Amaral, Izabela Brochado, Valmor Beltrame, Henrique Sitchin; Augusto Boal sobre a definição do TO, dentre outros estudiosos dos assuntos aqui tratados.

Com a finalidade de atingir os objetivos que propus no Projeto, adotei os seguintes procedimentos: estudo sobre o teatro de bonecos; confecção dos bonecos; estudo sobre o Teatro do Oprimido de Augusto Boal; oficinas e jogos teatrais; criação das cenas e apresentação final. A metodologia da pesquisa é de caráter explicativo e exploratório, aliado à pesquisa bibliográfica. Para tanto, durante as atividades práticas ao longo do semestre, realizei a coleta de dados que me auxiliou no desenvolvimento da escrita deste relato e análise de experiência, como: fotos, vídeos e pesquisa bibliográfica.

Apresento aqui algumas informações sobre a proposta artístico-pedagógica que propus e a justificativa para sua aplicabilidade dentro da sala de aula. O texto está dividido em dois capítulos: o primeiro capítulo apresenta o Projeto, as definições sobre os termos utilizados para a criação das cenas e traz também uma definição acerca do Teatro de bonecos oriundo das ramificações do teatro de formas animadas e, dentro desse conjunto, o boneco de manipulação direta – escolhido como meio didático para a discussão dos elementos que propus e para o estudo de teatro.

O segundo capítulo traz o relato das experiências vividas com os alunos: a confecção dos bonecos; as pesquisas e estudos sobre o TO; as oficinas de criação do repertório de movimentos corporais e de manipulação dos bonecos; a criação de cenas, caracterização dos bonecos e as apresentações realizadas. As considerações finais tratam da análise dos resultados obtidos com a realização das atividades pedagógico-teatrais no desenvolvimento do Projeto.

1 RELATANDO A TRAJETÓRIA DE PESQUISA

1.1 Preparando o terreno: o Projeto

No segundo semestre de 2015, o curso de Licenciatura em Teatro ofereceu a disciplina de Laboratório de Teatro 4 com o tema “O Teatro de formas Animadas”. Ao longo do semestre, de maneira empírica, tivemos a oportunidade de conhecer as variedades do Teatro de Formas Animadas. No entanto, as atividades práticas foram direcionadas para o Teatro de Bonecos, onde realizamos oficinas de manipulação de bonecos de luva com a professora Bárbara Benatti (Sequência 01) e, em seguida, oficinas de confecção de bonecos de manipulação direta – baseadas nas orientações do vídeo do bonequeiro Augusto Nazareno, da Cia. Nazareno de Bonecos, de Caxias do Sul/RS – cedido ao Polo pela Coordenação do curso de Licenciatura em Teatro (Sequência 02); e oficina de manipulação de bonecos de manipulação direta com a professora Kaise Helena (Sequência 03).

Sequência 01



Oficina de manipulação de bonecos de luva, com a Professora Bárbara Benatti¹

¹ Fonte: Marília Bomfim. Acervo pessoal.

Sequência 02

Oficina de confecção de bonecos de manipulação direta²

Sequência 03



Oficina de manipulação de bonecos de manipulação direta, com a Professora Kaise Helena

² Fonte: Marília Bomfim. Acervo pessoal

Construir o boneco de materiais recicláveis e ver sua evolução, desde a idealização ao momento de dar vida àquele ser inanimado (o boneco), foi uma das experiências mais fantásticas que já vivi enquanto aluna/professora e fazedora de teatro. Esse entusiasmo que senti naquela experiência me despertou a vontade de levar aquelas atividades à Escola. Nada melhor do que ofertar a proposta à Escola na qual eu lecionava.

Fui professora da Escola Humberto Soares e nela lecionei as disciplinas de Religião para os alunos do Ensino Fundamental II e Arte para os alunos dos Ensinos Fundamental II e Médio nos anos de 2015 e 2016. Em 2015, o prédio da Escola passava por reformas e fomos transferidos ao 3º piso de um antigo shopping, no centro da cidade. A Escola era mista com Níveis Fundamental II e Médio, e no prédio não havia local para atividades artístico-pedagógicas e/ou recreativas. O espaço era resumido às salas de aulas e refeitório. Os alunos desta escola residem no mesmo bairro e/ou em bairros circunvizinhos.

Durante aquele ano presenciei por diversas vezes, cenas de violência verbal e física praticadas pelos alunos adolescentes nos corredores e nas salas de aula, sugestivas de *Bullying*, preconceito e homofobia. Esse fato me levou a desejar a criação de uma proposta que envolvesse toda a escola, sensibilizando os alunos a fim de provocar uma reflexão crítica acerca de alguns comportamentos abusivos comuns no dia a dia. Para melhor compreensão das propostas e objetivos do Projeto, vale conceituarmos os três termos citados para conhecermos os aspectos que definem os temas abordados na criação de cenas.

De acordo com Ana Beatriz Barbosa Silva, em seu livro *Bullying: mentes perigosas nas escolas* (2010, p. 22), “[...] o termo *Bullying* pode ser adotado para explicar todo tipo de comportamento agressivo, cruel, proposital e sistemático inerente às relações interpessoais”.

No tocante ao termo ‘Preconceito’, segundo o Dicionário do Aurélio (2016), significa: “Ideia ou conceito formado antecipadamente e sem fundamento sério ou imparcial; opinião desfavorável que não é baseada em dados objetivos; estado de abusão, de cegueira moral”³. No Dicionário *On line* de Português⁴ (2017), temos a seguinte definição: “Intolerância; repúdio demonstrado ou efetivado através de discriminação por grupos religiosos, pessoas, ideias; pode-se referir também à sexualidade, à raça, à nacionalidade entre outros”.

Sobre a ‘Homofobia’, o Dicionário do Aurélio (2016) define como: “Repulsa ou preconceito contra a homossexualidade ou os homossexuais”. Enquanto o Dicionário *On line*

³ AURÉLIO, Dicionário do. Disponível em: <<https://dicionariodoaurelio.com>>. Acessado em 06 de out. de 2017.

⁴ PORTUGÊS, Dicionário *On Line* de. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br>>. Acessado em 06 de out. de 2017.

(2017) conceitua como “Repulsão aos homossexuais. Ódio aos homossexuais, geralmente, demonstrado através de violência física e/ou verbal.”.

Partindo dessa gama de conceitos comecei a pensar na possibilidade de adequar o meu aprendizado à realidade da escola e com isso surgiram vários questionamentos: quais as possibilidades de levar o “Teatro de bonecos” para a sala de aula? Como propor atividades pedagógico/teatrais, misturando diversas linguagens artísticas? De que maneira eu poderia transmitir mensagens sensibilizadoras cativando os adolescentes e jovens da escola – o público alvo? Como aliar a discussão de temas polêmicos à Arte que toca e transforma? Qual a melhor turma para trabalhar com a confecção e manipulação dos bonecos na sala de aula? Como relacionar teoria e prática em tão pouco tempo de aula bimestral? Como fazer para que os encontros não se tornassem repetitivos e enfadonhos? Como realizar as oficinas em tão pouco tempo de hora/aula? Estas e outras perguntas, as quais nortearam as ideias do Projeto me fizeram imaginar o uso do boneco de manipulação direta como meio para trabalhar teatro, pensar os temas propostos e trocar saberes de forma lúdica, reflexiva, séria e criativa.

Izabela Brochado me auxilia na justificativa do uso das formas animadas, quando menciona que durante as cenas “[...] ações que poderiam ser consideradas grotescas, caso feitas por um ator-pessoa, encontram liberdade nos objetos” (2007, p.02). Diante da delicadeza em se tratar temas polêmicos com adolescentes na escola, fiz o uso das formas animadas, mais especificamente do teatro de bonecos de manipulação direta. Assim, os alunos-manipuladores e criadores dos textos estariam em segundo plano, transmitindo suas mensagens através de um personagem material, representando-os em primeiro plano, de forma bem humorada.

Em março de 2016, retomamos as aulas no prédio, com a reforma inacabada. Percebi que no corpo discente estava ainda maior o número de estudantes, os quais possuíam brincadeiras e comportamentos incompatíveis para o ambiente escolar. Eles depredavam o prédio e danificavam os móveis (riscando, escrevendo palavras de baixo calão) para insultar e denegrir a imagem de alguns colegas. Decidi levar adiante os meus planos previstos no Projeto já preparado durante o período de férias. Apresentei as propostas à Gestão Escolar e iniciei a prática das mesmas.

Esse Projeto consistia na proposta de confecção de bonecos de manipulação direta com materiais recicláveis para a criação de cenas teatrais, que trouxessem à tona uma discussão sobre as situações comportamentais dos alunos, como eu já havia identificado anteriormente. O cronograma previsto para a execução das atividades era, inicialmente, de 01 trimestre (12 aulas), porém fomos adequando esse cronograma por causa das atividades e

precisamos de 01 semestre letivo – ficando o tempo de execução organizado em 16 aulas divididas em 04 módulos, desde a apresentação do Projeto à sua culminância.

O embasamento teórico usado no Projeto foi: Ana Mae Barbosa (2010) ressaltando a importância da proposta triangular – apreciação, contextualização e fazer artístico - na Arte em sala de aula; Augusto Boal (1991 e 2009) reafirmando a relevância do Teatro do Oprimido (TO), além dos jogos teatrais na preparação do ator e do não ator; Ricardo Japiassu (2007) questionando a importância do Teatro na Escola, suas funções e vantagens; Joana Abreu (2015) versando sobre a importância de oportunizarmos ao aluno o acesso ao teatro (Ver anexo p.45).

A turma escolhida para a realização desse esquema pedagógico foi a de 3º Ano do Ensino Médio. Era uma turma formada por 36 alunos, muito unida e criativa, que gostava muito de atividades práticas. Desde 2015 já desenvolvia atividades artísticas e pedagógicas com aqueles alunos na escola: Danças coreográficas, esquetes teatrais, paródias, fotografias, filmagens e edições de vídeos. Já havíamos adquirido juntos, certa maturidade e sintonia para bons trabalhos dentro e fora de sala de aula.

Quando apresentei o Projeto a turma aceitou por aclamação e, a partir de então, começamos a vivenciar as etapas previstas na metodologia e no cronograma de execução: confecção dos bonecos, oficinas de manipulação e criação do repertório de movimentos corporais, pesquisa sobre os temas a serem discutidos, criação de cenas, caracterização dos bonecos de acordo com as cenas, ensaios e apresentações.

Vale ressaltar que da mesma forma em que a proposta foi aceita pelos alunos do 3º Ano, também foi muito bem recebida pela Gestão Escolar do início do ano letivo e pela nova Gestão Escolar Interina. Assim como a primeira equipe de gestores, a nova equipe também me apoiava, pois acreditava no uso da Arte para sensibilizar e melhorar o quadro comportamental da escola com uma imagem de “Escola problema”, face aos desmandos vigentes como o *Bullying* e o uso de drogas entre adolescentes e jovens.

Os encontros teóricos e práticos aconteciam na escola, em sala de aula e/ou no auditório, no horário e dia previstos para a aula de Arte que duravam 50 minutos. Todo o roteiro do cronograma foi vivenciado em 16 aulas, sendo um encontro semanal e se estendeu do dia 22 de março a 05 de julho de 2016, conforme podemos conferir na tabela abaixo⁵. É importante ressaltar que as apresentações na Escola aconteceram nos dias 08 e 15, ou seja, ultrapassamos os dias previstos em decorrência dos ensaios e do período de avaliações

⁵ Sobre a execução desse cronograma, discorreremos no capítulo 2 deste texto.

relativas ao fechamento do 2º bimestre. A equipe de Gestão da Escola nos permitiu a extensão do prazo sem prejuízos aos alunos do 3º Ano.

Tabela 01

Número de aulas	Ações
01	Apresentação do projeto e primeiro contato com o boneco;
05	Confecção dos bonecos;
02	Seminário de pesquisa e debate;
04	Oficinas de corpo e manipulação de bonecos;
04	Criação das cenas e ensaios.

A partir das atividades teórico-práticas e da culminância do Projeto pude perceber que os estudantes aprenderam, conheceram, observaram, discutiram, ou seja, realizaram atividades práticas que os conduziram à experiência artística esperada.

Entendo experiência artística como sendo um elo entre o contato com o objeto – a prática, o fazer, o construir *versus* o apreciar, o fruir e o produzir sentidos a partir desse contato. Acerca da experiência induzida pela atividade estética com o Teatro de Bonecos, Adriano Ferraiuoli menciona:

A atividade estética tem um importante papel, como geradora de configurações, de sínteses sensíveis não verbais e de expressão de percepções e imaginação buscando o desenvolvimento físico, mental, cultural e social do indivíduo e da coletividade. A Arte possui valores que a transcendem, atinge o universal eliminando barreiras de tempo e lugar. Assim, o Teatro de Bonecos pode oferecer possibilidades a quem o descobre [...] (FERRAIUOLI, 2011, p. 13).

Essa atividade estética citada por Ferraiuoli foi desenvolvida na sala de aula. Os discentes puderam manipular seus bonecos, aguçando a imaginação e nas primeiras tentativas de manipular seus objetos foram buscando o senso dos movimentos do físico desses bonecos. Os alunos do 3º Ano se sentiram animados com o Projeto desde o primeiro encontro com alguns modelos de bonecos de manipulação direta e com as possibilidades de aprender através da prática, significando e resignificando a experiência no contato com o objeto.

Para os jovens, a tarefa era desafiadora, porém instigante, pois, sincronamente, seis mãos misturadas e ainda sem nenhuma habilidade, iriam operar e dar vida a um boneco. Eles perceberam que os movimentos tinham que ser precisos e isso exigiria o máximo de concentração para o sucesso do trabalho coletivo. Nas conversas entre os membros das

equipes, eles comentaram que esse ofício requeria uma transferência simultânea de energia e muita concentração. Sem isso, o grupo de alunos não teria o ritmo necessário para alcançar o sucesso desejado.

1.2 O Teatro de Bonecos

No intuito de ampliarmos nossa compreensão, faz-se relevante conceituar o termo que norteou meu trabalho – “Teatro de Bonecos”. No entanto, vale *à priori*, conceituarmos o Teatro de Animação ou Teatro de Formas Animadas que é o seguimento que dá origem ao teatro de bonecos. Valmor Nini Beltrame em seu artigo “Maiakóvski e o Teatro de Formas Animadas” afirma que:

Atualmente, várias nomenclaturas são adotadas para referir-se ao teatro de animação: teatro de bonecos, teatro de fantoches, teatro de marionetes, teatro de objetos, teatro de formas animadas, teatro de figuras. Cada uma destas denominações apresenta especificidades técnicas e estéticas, quando comparadas entre si, porém, todas dizem respeito ao que se pode chamar de teatro de animação, isto é, um teatro que anima o inanimado. Têm como princípio fundamental dar vida, ânimo, ao boneco, simulacro do humano. Para isso, a característica fundamental desta arte é a presença do objeto a ser animado e do ator/manipulador que empresta vida a esta forma (BELTRAME, 2002, p. 102).

Como se pode observar no trecho acima, existem várias ramificações do teatro de animação. Segundo Izabela Brochado (2007, p 02), “[...] o teatro de animação ou teatro de formas animadas é formado por teatro de sombras, teatro de bonecos, teatro de objetos e teatro de máscaras”. De acordo com a autora:

Como o próprio nome indica, o teatro de formas animadas é um campo da linguagem cênica onde os personagens são representados por “formas” que animadas pelos atores-manipuladores, criam a impressão de vida que é percebida pelo público, quaisquer que sejam as técnicas de manipulação utilizadas, quaisquer que sejam as formas escolhidas, este campo do teatro tem como elemento comum, a manipulação de objetos que pela ação do ator-manipulador transforma algo puramente material, ‘sem vida’, em algo que se torna personagem, ou seja, que pensa, deseja, sente e age (BROCHADO, 2007, p.01).

Comparando as conceituações desses dois pesquisadores, podemos compreender o Teatro de Animação como sendo o teatro que dá vida à seres inanimados. Em uma cena teatral, como exemplo de seres inanimados temos: bonecos, sombras, objetos e máscaras. Sobre as formas animadas Henrique Sitchin completa: “[...] chamamos, pois, de ‘TUDO’, tudo aquilo que pode ser ‘animado’, ou seja, o que possa receber uma ‘âni-ma’, origem da palavra animação, e que denomina o conceito de alma, em latim” (SITCHIN, 2009, p. 9).

Considerando as definições anteriores temos que o Teatro de Animação ou de Formas Animadas é tudo o que se pode animar, dar vida a partir do trabalho de um animador. Iasmin Marques, Fernando Linares e Maurílio Rocha (2013) afirmam que:

O Teatro de Animação é uma linguagem teatral que apresenta especificidades técnicas e estéticas, e se refere ao teatro que anima o inanimado, por meio da presença do ator-manipulador. O artista dessa linguagem, conhecido como ator-animador, atormanipulador ou ator-bonequeiro, tem como principal característica a expressão por meio de máscaras, bonecos, sombras e objetos. Levando em consideração que a produção de sentido se dá essencialmente não por elementos isolados, mas pela composição de imagens, cabe ao atuante a expressão através de metáforas e símbolos (MARQUES *et al.*, 2013, p. 02).

Então, nessa atividade de animação – de dar ânimo ao ser inanimado, explora-se o campo dos sentidos, da imaginação e a percepção sensorial e não da razão, como reitera Sitchin quando afirma que: “[...] O teatro com animação tem campo vastíssimo na medida em que explora, justamente, as possibilidades cênicas feitas para os sentidos, para a percepção sensorial e não racional” (SITCHIN, 2009, p.96).

Encontrei nessa prática uma maneira de aguçar a curiosidade dos alunos em ler as caricaturas e mensagens expressas nos bonecos. Acredito que o campo das formas animadas atrai para a ludicidade e extrai significados. Por isso, creio que seja relevante para o professor ser conhecedor da importância do teatro de boneco. Ferraiuoli também considera essa perspectiva, e afirma que:

[...] em mãos de um educador conhecedor da importância do Teatro, um boneco pode ser um instrumento de grande valor. Nem sempre a palavra é mais importante: os gestos e trejeitos do boneco transmitem informações ao espectador que o levam a interpretação e identificação imediata da mensagem. O poder lúdico e expressivo do boneco reside em sua associação ao movimento e sonoridade, o que encanta e seduz principalmente o público infantil (FERRAIUOLI, 2011, p. 14).

Quando Ferraiuoli menciona a expressão “instrumento de grande valor”, em minha opinião, se refere ao fato de que, tendo consciência da importância do boneco como instrumento para produzir conhecimento, o professor ganhará diversas possibilidades de contextualizar situações da vida real e trabalha-las em sala de aula, de maneira lúdica e atrativa para alunos e/ou comunidade escolar. Fazemos, portanto, desta experiência uma maneira de tecer críticas, ensinar, educar, fazer interpretações musicais, sensibilizar o público, dentre outras capacidades.

Em meio às possibilidades de usar o teatro de formas animadas como ferramenta pedagógica, fiz opção, como já mencionei anteriormente, pelo teatro de bonecos. Quanto à sua conceituação, Emile Miachon (2006, p. 43) ressalta: “O Teatro de Bonecos

explora as características humanas, em seres inanimados, humanizando-os: coloca pernas, braços, olhos e nariz”. Para Amaral, “[...] o teatro de bonecos do Ocidente se caracteriza por apresentar o homem em sua realidade terrena, nas suas relações, nas suas situações sociais; ou nos aspectos poéticos dessa mesma realidade”. (AMARAL, 1996, p.101). Ou seja, nessa vertente artística, exploramos as características humanas e as relações sociais do homem em sua realidade.

O teatro de bonecos caracteriza-se, portanto, pela técnica de se dar vida aos bonecos construídos a partir da semelhança com o corpo humano, mas que não possui autonomia de movimentos, ao contrário, necessita-se de atores que lhe aplicam vida. Beltrame (2002) fala da necessidade incondicional da presença do ator manipulador para essa prática. O autor acrescenta que:

“[...] o teatro de bonecos é uma arte teatral cuja característica principal que o diferencia do *teatro de atores* é o fato de que o objeto (boneco), necessita de fontes físicas e de poderes vocal e motor que estão fora de si” (JURKOWSKI, 1990, p. 75). Ou seja, a personagem no teatro de bonecos, os verdadeiros atores que protagonizam as cenas nesta arte, têm dependência direta de terceiros, para adquirirem vida. Ao dizer que os poderes vocal e motor da personagem estão fora do boneco/personagem, destaca a incondicionalidade da presença do ator/manipulador (BELTRAME, 2002, p. 102).

O boneco de fato é um objeto que depende do corpo do bonequeiro como fonte de vida vocal e motora. Compreendida essa relação de dependência, os animadores manipulam os bonecos e, com eles criam situações que podem ser utilizadas para representar o homem em seus sentimentos, suas sensações, situações do cotidiano e em suas relações sociais. Foi também a partir dessas possibilidades que senti estimulada para incentivar e orientar meus alunos na criação das cenas que foram apresentadas. Vale lembrar que dentro do conjunto de elementos do teatro de bonecos, escolhi o boneco de manipulação direta, sobre o qual discorro a seguir.

1.3 O Boneco de Manipulação Direta

Conforme mencionei anteriormente, para esse projeto com os estudantes, optei por utilizar o boneco de manipulação direta. No entanto, dentro do campo do teatro de bonecos há vários tipos de manipulações. De acordo com Amaral (2002, p. 85), “[...] os bonecos podem ser: articulados, de luva ou fantoches, de vara, de fios ou marionetes. Podem ser também uma combinação dessas técnicas: de vara com boca articulada, de luva e vara, de vara e fios, etc.”. O boneco que escolhi também é denominado por Amaral como “boneco articulado”. Para a

autora, os bonecos articulados “[...] reproduzem a figura humana (ou animal) de maneira mais completa e têm articulações em quase todas as juntas” (AMARAL, 2002, p. 87).

Thiago Almeida (2011), no site ‘Formas Animadas’⁶, define os tipos de bonecos citados por Amaral da seguinte forma:

[...] bonecos articulados são os bonecos de manipulação direta; bonecos de luva ou fantoches são bonecos que o manipulador calça na mão, como os mamulengos. Normalmente, possui corpo de tecido onde o indicador manipula a cabeça e dedos polegar e médio manipulam braços; boneco de vara pode ser um objeto acoplado às varas ou bonecos projetados com mecanismos de boca e olhos; boneco de fios ou marionete é o tipo de boneco manipulado por fios ou cabos, conectados a uma estrutura de madeira [cruz]. A manipulação é feita por movimentos e mecanismos da cruz ou manipulando diretamente os fios (ALMEIDA, 2011).

Quanto ao tipo de boneco que escolhi, Almeida ressalta que: “[...] o boneco de manipulação direta, originalmente, é manipulado à vista da plateia e sincronicamente por três pessoas, a manipulação se dá pelo contato direto com o boneco”. Ou seja, um “[...] manipulador controla e direciona a cabeça e seus mecanismos enquanto sustenta o peso do boneco pelo quadril, um segundo manipulador manipula os braços e o terceiro os pés. A coordenação entre esses três artistas exige um longo e rigoroso treinamento de manipulação” (2011).

O grupo de alunos que participou do projeto não é formado por profissionais do teatro. Também não podemos considera-los atores manipuladores, visto que a técnica foi utilizada somente nos trabalhos desenvolvidos durante o projeto. Porém, em se tratando desse contato com o teatro de bonecos e a técnica de manipulação, tanto na condição de *aluno/ator/manipulador*, quanto na condição de espectador, o aprendente inicia a prática tomando consciência de um repertório de movimentos corporais necessários à ação e ao movimento, dentro do espaço e do tempo da cena, onde o manipulador coloca o boneco em primeiro plano, como podemos ver nas palavras de Sitchin. Sobre suas experiências com o boneco de manipulação direta, o autor ressalta:

Somos três atores a animar um mesmo personagem; um de nós é responsável pela cabeça e tronco, outro pelas mãos e um terceiro pelos pés da figura. Cada um exercerá os movimentos da parte que lhe cabe. Em outras palavras, para quem não está habituado com esta prática, ela é uma... LOUCURA! São seis mãos misturadas a operar um único objeto. Muitas vezes comparei este exercício a um desenho a ser feito, simultaneamente ou sobre o mesmo papel, por seis mãos diferentes que, no entanto, completam com perfeição cada traço feito por uma outra mão. O exercício de concentração é máximo e, ao mesmo tempo em que exige um envolvimento emocional forte (repito, sem o qual não há transferência de energia), exige também

⁶ Texto para pesquisa: Técnicas de Manipulação, por Thiago Almeida - Grupo Girino Teatro de Animação.

um exercício técnico apurado (sem o qual as seis mãos se ‘embananam’). (SITCHIN, 2009, p. 23).

Uma “LOUCURA!” Como bem o diz Sitchin. Por isso, sentimos a necessidade de uma preparação e da construção de um repertório de movimentos corporais que nos ajudasse a reconhecer os movimentos do corpo que estão interligados, como pudemos verificar nos bonecos durante e depois da construção dos mesmos.

Sobre o processo de construção dos bonecos com materiais recicláveis, as oficinas de manipulação e de criação de repertório de movimentos corporais, a criação de cenas e a apresentação final trataremos, de forma detalhada, no próximo capítulo.

2 AS ATIVIDADES PRÁTICAS

Neste capítulo apresentamos uma descrição das atividades práticas desenvolvidas no Projeto que corresponde a: confecção dos bonecos, oficinas, criação das cenas, caracterização dos bonecos e apresentações. Tendo em vista que nosso objetivo era propor uma reflexão crítica partindo da experiência vivida pelos alunos, discutiremos sobre as práticas e ações aliadas às propostas pedagógicas que nos ampararam nesta pesquisa.

O corpo de um boneco de manipulação direta tem muita semelhança com o corpo do ator manipulador conforme descrito por Ana Maria Amaral:

Todo movimento acontece a partir de um eixo. Todo corpo tem um ponto central que impulsiona seus movimentos, assim como têm partes ou membros. Também no objeto existe sempre um eixo, que é o seu ponto de equilíbrio, de onde emana sua expressão principal, assim como existem partes que o conectam com o exterior. Assim, ao se manipular um objeto é preciso distinguir sua parte central das suas partes laterais e externas. Assim também o ator, antes de animar um objeto, deve primeiro perceber em si mesmo a sua parte central, racional e emotiva, e distingui-la de seus membros: pernas, braços, mãos, dedos, criando um paralelo entre seu próprio eixo e o eixo do objeto, ou entre seus membros e as partes do objeto a ser manipulado (AMARAL, 1997, p. 85-6).

Então, quando esse ator manipulador – em nosso caso, aluno/manipulador – se prepara para a prática, precisa conhecer-se nos campos físico, emocional e da razão com a intenção de compreender como se organiza para conseguir uma conexão, traçando um paralelo entre o seu eixo e o eixo do objeto. Amaral reafirma suas ideias expondo um pouco mais acerca da composição do eixo do corpo humano e sobre como isso reflete no objeto manipulado:

Todo corpo tem um ponto de equilíbrio. O corpo humano tem eixo mental e físico (cérebro e espinha dorsal) e tem membros (pernas, mãos, braços) através dos quais age e inter-age. Ao receber energia do ator, o objeto material também recebe um eixo central e membros, ou extensões com os quais atua e se comunica (AMARAL, 1997, p. 85-6).

Ao compreendermos os aspectos desse paralelo eixo humano *versus* eixo do objeto mencionado por Amaral, percebemos a importância da inter-relação entre as atividades práticas propostas no Projeto: confecção dos bonecos para que o aluno já comece a conhecer as partes e articulações do corpo do boneco; oficinas de repertório de movimentos, para que o aluno percebesse e reconhecesse seu eixo corporal, de forma a criar uma partitura de movimentos aplicáveis ao boneco; e oficinas de manipulação dos bonecos para exercitarem e praticarem os movimentos com o boneco.

Dessa forma, entendo o quanto é importante o contato do manipulador com a produção do corpo do objeto inanimado, com o qual irá lidar. Os alunos manipuladores da turma de 3º Ano tiveram essa oportunidade. Sobre essa vivência discorro nos tópicos a seguir.

2.1 Confeção dos bonecos

Este tópico destina-se a relatar a etapa de construção dos bonecos com materiais recicláveis ocorrida em 06 encontros semanais, nos horários das aulas de Arte. Logo no primeiro encontro, após a apresentação do projeto, discutimos sobre a melhor forma de conduzir as etapas de trabalho. Os discentes sugeriram, e considerei viável que fizéssemos uma divisão da turma em 06 grupos de 06 membros, pois a turma era composta por 36 alunos. Essa divisão foi feita de acordo com a afinidade e aproximação dos alunos. Montamos uma tabela no quadro branco, preenchida conforme a solicitação da turma.

Em minha opinião e na opinião dos alunos, o trabalho em equipe facilitaria o resultado do processo, pois a coletividade auxiliaria no alcance do objetivo comum entre eles, nas atividades práticas – a criação e execução das cenas. Dessa maneira, cada grupo confeccionaria seu boneco e criaria uma cena para apresentação solo ou para contracenar com um boneco de outro grupo, conforme idealizado e sugerido no projeto.

Naquele primeiro encontro também apresentei diversos bonecos de manipulação utilizados como modelos no nosso laboratório - o boneco que criei durante a disciplina de LAB TEA 04, além dos bonecos emprestados pela minha Tutora Presencial Marília Bomfim e a colegas de curso Camila Freitas e Priscila Peres.

Sequência 04



Bonecos modelos⁷

Os alunos tiveram o primeiro contato com os bonecos e, nesse momento, já os analisaram para estudarem o formato do corpo, os mecanismos de articulação dos membros, o material utilizado, além das possibilidades de manipulação que eles permitem, por exemplo: eles conduziram os bonecos pelo chão, tentando fazê-los caminhar e/ou correr, soltar beijinhos, dar tchau, afirmar ou negar respostas, dentre outros movimentos, como podemos ver nas imagens abaixo:

Sequência 05



⁷ Fonte: Silvia Rejane. Acervo pessoal



O primeiro contato dos alunos com os bonecos em sala de aula

O primeiro encontro teve o tempo de aula estendido porque o professor de matemática que ministraria aula no horário seguinte, não compareceu à escola. Então ganhamos mais tempo para experimentarmos conhecer os bonecos. Diante da intenção de testar ao máximo a manipulação dos bonecos, orientei que os estudantes ficassem atentos as articulações, aos eixos dos bonecos, ao foco, a direção do olhar do boneco. Eles deveriam despertar a percepção voltando-se sobre as questões relevantes na manipulação de bonecos.

Solicitei aos grupos a utilização nas próximas aulas, de caixas de papelão, jornais, fitas crepes, barbantes, lápis, canetas, colas, estiletes, tesouras e régua na nossa prática de confecção dos bonecos.

Sobre a atividade de confecção, Sitchin fala da importância do ator e manipulador ter contato ou relação com os materiais de confecção dos objetos inanimados. Para o autor: “[...] assim como conquistar o domínio e a consciência do próprio corpo é basilar para o trabalho do ator, conhecer os materiais com os quais irá trabalhar possibilita uma liberdade no momento da criação. Então, o ator pode colocar em prática as imagens que lhe surgem” (SITCHIN, 2009 p. 124). Com materiais e modelos nas mãos, tornou-se mais fácil as equipes de trabalho criar e dar forma a seus instrumentos, nos tamanhos desejados.

A partir do segundo encontro iniciamos a construção do boneco. Todo o processo de fabricação dos bonecos seguiu as orientações do vídeo didático recebido na disciplina de Laboratório de Teatro 4, quando realizamos essa tarefa. Acompanhamos o vídeo do professor bonequeiro Augusto Nazareno, da Cia. Nazareno Bonecos, de Caxias do Sul/RS.

Planejamos para essa etapa iniciar a confecção pela cabeça, depois o tronco e membros superiores e inferiores, as extremidades e por último a parte de amarração, que seria

a conexão entre todas as partes anteriores. Na construção da cabeça, fiz uma demonstração com jornais e os alunos foram imitando. Enquanto um ou dois membros da equipe se ocupavam da cabeça, outros já iam pegando as medidas dos braços e pernas e demarcando os tamanhos nos papelões e outros iam cortando e separando esses membros. No terceiro encontro demos continuidade com o desenho e corte do tronco dos bonecos nos papelões, as emendas dos braços e pernas com fitas crepe e o corte das articulações, como: joelhos, punhos e cotovelos. Vejamos nas imagens abaixo esse trabalho de construção do boneco:

Sequência 06



Construção do boneco⁸

Essa etapa, em minha opinião, é muito importante para o trabalho final de manipulação do boneco, pois o manipulador passa a conhecer detalhadamente o corpo e as principais articulações do objeto inanimado. Pude compreender melhor essa afirmativa quando da minha experiência em LAB 04. Ao construir o boneco, pude conhecer seu corpo, o seu eixo – como cita Amaral (1997) – estudando formas de manipula-lo.

No quarto encontro, providenciamos a confecção das mãos e pés dos bonecos. O tempo foi insuficiente para a atividade, tendo em vista a complexidade daquela etapa do trabalho: os alunos tinham que analisar tamanho dos dedos, tamanho das mãos, tamanho e

⁸ Fonte: Silvia Rejane. Acervo pessoal

modelo dos sapatos, e ainda verificar a compatibilidade desses membros com o corpo já preparado previamente. Ressalto que as equipes tiveram liberdade para a criação dos bonecos na forma e tamanho que acharam mais interessantes. Fizemos ainda em sala, uma mão e um pé. Como não houve tempo hábil na conclusão, os alunos levaram a tarefa de finalização desses elementos para casa.

Os quinto e sexto encontros foram destinados à amarração do boneco com barbantes – os bonecos eram feitos de materiais recicláveis e, para sua locomoção, necessitavam de uma amarração que unisse seus membros. Essa amarração era feita com barbantes, como podemos verificar nas imagens a seguir:

Sequência 07



Processo de amarração dos membros do corpo do boneco

Acredito ter sido esta a parte mais simples da construção do boneco. O processo de amarração é um tanto complicado devido à quantidade de pedaços de barbante entrelaçados na intenção de ligar os membros e articulações, denotando naturalidade nos movimentos do boneco. Como eu já havia aprendido as etapas vivenciadas durante a disciplina de LAB 4, escolhi um dos bonecos e fui demonstrando a técnica da amarração e os alunos iam repetindo. Os que sentiam dificuldades ou dúvidas me questionavam e pediam auxílio e íamos nos ajudando. Deixamos amarrados a cabeça, tronco, pernas e braços no quinto encontro.

No sexto encontro finalizamos a amarração dos pés e mãos. Encerramos esse sexto dia com a inserção das hastes (apoios para manipulação – puxadores), fabricados com palitos de

churrasco e fita crepe. Esses puxadores foram inseridos na parte de trás da cabeça, nas mãos e na parte de trás do tronco - tórax, como podemos observar nos bonecos concluídos, nas imagens abaixo. Os alunos apoiam seus bonecos segurando a cabeça e os braços pelas de apoio instaladas:

Sequência 08



Bonecos finalizados com as hastes de apoio

A ordem da confecção dos bonecos não ocorreu conforme o idealizado porque levamos mais tempo do que o estimado no cronograma do Projeto. A previsão era para a conclusão dessa etapa em 04 encontros, porém as equipes não possuíam o mesmo ritmo laboral. E tivemos que adequar as tarefas de forma a aperfeiçoar o tempo e concluir os bonecos com êxito. Para tanto, inserimos mais dois dias na finalização da confecção.

O processo de criação do aluno é muito relevante quando lhe é oportunizado e estimulado. Ferraiuoli descreve um pouco de sua vivência com as seguintes palavras:

Também observamos atitude de criação quando, por exemplo, uma aluna durante seu processo criativo, deitava de bruços no chão e diante de uma folha branca ficava mordendo o lápis, olhando para cima e imaginando histórias e como seria seu personagem a ser desenhado.

Outro aluno, quando resolveu sozinho o problema de leveza dos pés de uma das marionetes colocando chumbo de pesca em seu interior. O mesmo integrante, percebendo um distanciamento disforme entre os bonecos de sombra, propôs a utilização de um barbante esticado para servir de suporte capaz de guiar os bonecos durante a manipulação dos mesmos (FERRAIUOLI, 2011, p. 112).

Vimos na citação acima a abordagem acerca da liberdade que os alunos devem ter no momento da criação artística, liberdade essa que independe de posicionamento na área da execução. Porque os espaços e situações estão presentes e se entregam ao processo criativo e por ele se deixam envolver. Os materiais disponíveis podem parecer insuficientes – um lápis com uma folha em branco, por exemplo, podem revelar coisas inimagináveis a nossos alunos, quando eles se permitem viajar na imaginação. Assim ocorreu quando eles se depararam com todos os materiais recicláveis na sala de aula. Os alunos começaram a construção de seus bonecos sem acreditar no resultado final, mas aos poucos foram criando e dando forma a seus objetos. Quanto mais avançavam as etapas de confecção, mais eram impulsionados a concluir. Eles iam escolhendo as formas dos bonecos, a estatura. Eram os magros, mais robustos, os que tinham pernas mais compridas, nariz maior, orelhas maiores, se a boca seria pintada, colada, de EVA ou comprada pronta, se os olhos seriam pintados ou comprados, qual a cor dos olhos. Enfim, como mencionei, os estudantes tiveram total liberdade durante o processo criativo de seus bonecos.

Com nosso objeto produzido, passamos às oficinas de elaboração da partitura de movimentos corporais e manipulação dos bonecos.

2.2 As Oficinas

Concluída a etapa de confecção dos bonecos, iniciamos às oficinas preparatórias para a prática de manipulação. Toda a turma participou das oficinas coletivas sobre a criação de repertório de movimentos corporais e a manipulação dos bonecos que aconteceram no auditório da escola, em 04 encontros, conforme já mencionado no capítulo anterior. As duas primeiras oficinas foram direcionadas à criação do repertório de movimentos corporais e nas duas últimas, treinamos com os bonecos na mesa do palco do auditório da escola.

As oficinas de partitura ou repertório de movimentos corporais e as oficinas de manipulação foram realizadas seguindo as orientações e repetições das atividades propostas pela professora Kaise Helena (vídeo enviado ao Polo de Rio Branco/AC). Durante a disciplina de Lab Tea 04, além da oficina presencial com a professora Kaise, tivemos o vídeo para usar como base dos trabalhos práticos. Da mesma forma utilizei os vídeos para nortear nosso aprendizado, mas tomando o cuidado de fazer as diferenciações entre as atividades realizadas no Curso de Licenciatura e as que poderiam ser utilizadas com os alunos do Ensino Médio para auxiliar na compreensão corporal. De acordo com Jaime Holanda e Robson Lourenço:

A compreensão corporal é essencial ao manipulador de boneco, pois é ele quem cria, a partir dos movimentos de seu próprio corpo, os movimentos resultantes no boneco. O manipulador precisa perceber suas próprias potencialidades corporais para posteriormente realizar os movimentos exigidos pelo ato da manipulação - com precisão, fluxo técnico e construção poética que esteja de acordo com a cena elaborada (HOLANDA E LOURENÇO, 2017, p.85).

Por isso, diante das afirmações dos autores, além do trabalho de confecção de bonecos, também considerei importante realizar as atividades práticas que, baseadas no aprendizado adquirido na disciplina do Curso de Teatro, ajudaram os alunos na compreensão corporal para adquirirem mais controle de seus movimentos e habilidades para manipulação dos bonecos.

As duas primeiras oficinas foram usadas para trabalhar a consciência corporal. Os alunos faziam movimentos livres e/ou coordenados, como: caminhar no palco, sentar, levantar, ajoelhar, pegar objetos, cumprimentar o público, triangular, girar, agachar, e outros, aproveitando para uma melhor sensibilização corporal nos planos baixo, médio e alto. Fizemos também exercícios de ritmo dentro da ideia de tempo: lento, normal e acelerado. A ideia era que eles experimentassem os movimentos em seus corpos, estudando a forma mais simples de aplica-los no boneco.

Ana Maria Amaral (2002), em seu livro intitulado **O ator e seus duplos: máscaras, bonecos, objetos**, sugere atividades que são exatamente iguais às que realizamos com Kaise Helena e que, por conseguinte, foram repetidas com os alunos do 3º Ano: “[...] andar normalmente, no ritmo da respiração e/ou do coração. Sentir o chão e suas irregularidades. Imaginar-se depois andando num terreno esburacado ou sobre poças d’água, em cima de uma corda bamba, na areia quente, sobre pedregulhos, etc.” (AMARAL, 2002, p.25).

Durante as atividades, eu sempre interrompia o fluxo dos exercícios para questionar sobre o que era necessário mover no corpo para realizar tais ações ou quais os apoios que usaríamos para realizar movimentos mais precisos. Essas questões lançadas auxiliaram na sensibilização corporal que permitia ao aluno traçar essa correlação com o corpo do boneco.

Ainda repetindo com os alunos as atividades que desenvolvemos com a professora Kaise, dividimos a turma em grupos de quatro alunos onde um deles faria o papel de boneco de manipulação direta e os outros três experimentariam a manipulação daquele boneco vivo, reconhecendo o espaço que estávamos utilizando – o palco do auditório – enquanto eu sugeria alguns movimentos e gestos com o boneco. Vale ressaltar que, segundo Amaral (2002, p. 27), existe uma diferença entre movimento e gesto. Para a autora “[...] movimento é uma ação mais mecânica e gesto uma ação mais consciente ou emocional”, então, além de andar, sentar, erguer os braços ou bater palmas, o boneco vivo também soltava beijinhos, abraçava e

entregava objetos de forma carinhosa, exercitando assim os gestos, conforme definido pela autora.

Nessa oficina os alunos tiveram muita dificuldade de realizar os movimentos - tanto os manipuladores, quanto os manipulados. A atividade exigia de todos uma atenção para o trabalho síncrono. A comandar o boneco de manipulação direta, o manipulador fica visível em cena. De acordo com Beltrame:

Trata-se de trabalhar com a noção de consciência de estar em cena, o que exige movimentos comedidos, discretos, elegantes, suficientes para que se remeta o foco das atenções ao boneco presente na cena e não ao seu animador. Quando os gestos do ator-titeriteiro e sua presença são mais eloquentes que a presença do boneco, cria-se um duplo foco que desvaloriza a cena (BELTRAME, 2003, p.48).

O autor esclarece a importância da consciência de um repertório de movimentos corporais “discretos”, “elegantes”, necessários à ação e ao movimento, que conduzam o foco da cena para o boneco.

Nos primeiros momentos de treino, da primeira oficina de manipulação com os bonecos confeccionados, os alunos tiveram dificuldade em sincronizar os movimentos e gestos dos bonecos dentro do tempo e da ação que pediam as cenas que eles improvisaram – “uma loucura!”. As mãos dos manipuladores não entravam em harmonia e, assim, o corpo do personagem boneco não tinha a expressão necessária porque os gestos não tinham precisão. O que me chamou muita atenção foi a união dos alunos. Em meio ao barulho da discussão, das opiniões, dos palpites e das tentativas de manipulação, os aprendentes, preocupados com a qualidade de seus trabalhos, se ajudaram e foram tentando aprimorar os movimentos.

O envolvimento dos discentes com seus bonecos foi além da sala de aula. Eles combinaram ensaios em horários extracurriculares para melhorar a técnica de manipulação. Infelizmente, não pude acompanhá-los, tendo em vista meus horários de trabalho no contra turno. Contudo, o resultado foi muito proveitoso. No segundo encontro de oficina de manipulação de bonecos, os grupos de alunos já estavam tão empolgados que, além da técnica, já começaram a pensar as cenas que poderiam criar.

Dentro das possibilidades de criação das cenas, surgiram as ideias de caracterização dos bonecos, como: o gênero, a cor da pele, dos cabelos, dos olhos, o nível social, formato do corpo, figurino, dentre outros. A próxima fase do projeto tratou da criação das cenas e caracterização dos bonecos descritos no tópico seguinte:

2.3 Criação de cenas

Como mencionado anteriormente, as cenas foram criadas sob o prisma da discussão acerca dos temas polêmicos do cotidiano dos alunos: *Bullying*, Homofobia e Preconceito. Uma das propostas metodológicas do projeto era a pesquisa sobre o Teatro do Oprimido de Augusto Boal. Para o autor:

O Teatro do Oprimido, em todas as suas formas, busca sempre a transformação da sociedade no sentido da libertação dos oprimidos. É a ação em si mesmo, e é a preparação para ações futuras. “Não basta interpretar a realidade: é necessário transformá-la!” – disse Max com admirável simplicidade (BOAL, 2009, p. 19).

Tomando esses pressupostos, objetivamos realizar as cenas sobre os temas escolhidos previamente por mim, visando uma mudança futura nas atitudes comportamentais dos alunos. No entanto, sob a luz das ideias de Boal, fizemos um seminário de pesquisa seguido de um debate na sala de aula, onde os alunos puderam pesquisar sobre a biografia de Augusto Boal e as propostas do Teatro do Oprimido e também sobre as definições dos termos que seriam utilizados como temas das cenas. Como dispúnhamos de pouco tempo nas atividades teóricas (seminário e debate), disponibilizamos apenas dois dias para os estudos, pesquisas e discussões sobre o TO e biografia de Boal e os termos que seriam os temas das cenas. As equipes realizaram pesquisas e levaram os conhecimentos adquiridos para compartilhar em sala de aula.

Além dos temas propostos no Projeto para a criação das cenas, surgiu um tema transversal elaborado por uma equipe. Porque de acordo com os alunos, essa temática também era parte da realidade deles e do cotidiano escolar: o Assédio sexual. Uma equipe optou por criar uma cena bem humorada onde um boneco abordava outro boneco do gênero feminino e o assediava. Para isso, inseriu outro boneco (confeccionado por mim no Curso de Teatro), como personagem para contracena.

Para a apresentação final as cenas ficaram organizadas da seguinte maneira: o Grupo 1 – cena sobre Assédio sexual; o Grupo 2 – cena sobre o *Bullying* (com a narração de um locutor); o Grupo 3 enfatizou a Homofobia; os grupos 4 e 5 se juntaram na criação de uma cena com discussão acerca de aspectos do Preconceito.

Quando escolheram seus temas e definiram seus personagens, os grupos criaram suas cenas, se identificaram com elas e desejaram deixar uma mensagem para os colegas espectadores. Os roteiros foram criados na sala de aula. Nas equipes reunidas os alunos iam apontando formas de abordagem dos temas escolhidos. Iniciamos com a criação de um roteiro

com uma contextualização que definia o local, o horário e o tempo da cena. Seguimos com o desenvolvimento das cenas inserindo as falas dos personagens. As cenas criadas foram evoluindo a cada ensaio. Os estudantes iam treinando as falas e movimentos e, à medida que sentiam necessidade, faziam adequações para lapidar as cenas.

A caracterização dos bonecos aconteceu a partir da escolha dos temas e das cenas idealizadas. Combinamos que a caracterização dos personagens deveria estar de acordo com os assuntos discutidos e escolhidos pela equipe. Foi dentro das cenas criadas que as ideias surgiram e os grupos foram definindo o gênero, cor de cabelo, figurinos, maquiagem, acessórios usados posteriormente, cor da pele e outros. Sobre a caracterização do objeto inanimado, Beltrame discorre:

As diversas maneiras de caracterizar e definir a personagem no texto dramático compreendem, basicamente, traços físicos, sociais, ou psicológicos. O dramaturgo procura destacar traços em cada uma delas, buscando, além de identificá-la, diferenciá-la das outras. Às vezes, há a predominância de um desses aspectos na definição do caráter da personagem, mas quase sempre o somatório desses aspectos dá sustentação, tomando-a crível, permitindo, dessa maneira, reconhecer seus desejos e vontades (BELTRAME, 2002, p. 104).

De acordo com as cenas, os alunos discutiram sobre as possíveis características dos bonecos, visando os aspectos psicológicos e sociais sugeridos pelos roteiros das cenas elaboradas. Outra forma utilizada pelos estudantes foi dar um nome ao personagem (boneco personagem), dentro do contexto da cena – ao que Beltrame denomina de “nomes falantes”. De acordo com o autor: “[...] o “nome falante” é uma forma sintética de caracterização da personagem. O nome contribui para identificar seu caráter e comportamento. A explicitação do seu nome é suficiente para diferenciar sua maneira de ser das demais personagens” (BELTRAME, 2002, p. 104). Desde essa prática surgiram os nomes de Laura, garotinha que sofria *Bullying* – imagem 01; da apresentadora Negritude, na cena de Assédio sexual – imagem 02; e Verônica Shyneider - a homossexual da cena de Homofobia – imagem 03; Wesley Safadão, da cena de preconceito - foto imagem; e a Luna, garota da cena de assédio sexual – imagem 05.

Sequência 09



Laura



Negritude



Verônica Shyneider



Wesley Safadão



Luna

Nomes dos bonecos

Quando os alunos definiram os nomes dos bonecos e seus personagens, a caracterização foi acontecendo de forma natural, dentro do contexto das cenas criadas e apresentadas. Foi a partir das cenas que os estudantes foram dando os estereótipos aos bonecos: tamanho e cor de boca, tamanho e cor de olhos, tamanho e cor de cabelos, o material utilizado para cada um desses itens, o figurino e até a maquiagem.

O trabalho tornou-se ainda mais agradável a todos nós, à medida que os objetivos iam sendo alcançados: a confecção dos bonecos concluída, o embasamento sobre o TO discutido, os termos pesquisados e definidos, as oficinas realizadas e as cenas criadas.

Concluídas estas etapas, passamos à Culminância do Projeto e sobre as apresentações finais comento no próximo tópico.

2.3.1 A culminância do Projeto – etapa final

As apresentações não tinham datas certas para acontecerem. Elas estavam previstas no cronograma de execução, porém sem a data especificada. Marcamos essas datas depois dos ensaios e quando os alunos sentiram segurança para a culminância do projeto. A programação prevista no Projeto era de duas apresentações no turno da manhã. Uma destinada ao Ensino Fundamental II e outra ao Ensino Médio. Contudo, a equipe de Gestão solicitou a realização de uma apresentação também no turno da tarde. Marcamos as apresentações de acordo com o calendário letivo da Escola e de forma a não atrapalhar o período de provas de fechamento do 2º bimestre.

Em agosto, recebemos convite para participação no V Sarau da CEDUP e em setembro realizamos uma inscrição, visando à participação no Palco Cultura do Programa Viver Ciências – uma parceria entre a Secretaria de Educação do Estado – SEE/AC e a Universidade Federal do Acre – UFAC.

A primeira apresentação aconteceu no auditório da escola, no dia 08 de julho de 2016. Preenchemos parte da parede do palco com TNT preto, a fim de auxiliar na criação de um plano de fundo, deixando os bonecos em destaque. Os alunos manipuladores também estavam vestidos de preto. Colocamos ao centro do palco a mesa grande na qual os manipuladores já estavam acostumados a ensaiar com os bonecos. E após um sorteio da ordem de apresentação das equipes, seguimos a sequência de cenas conforme podemos verificar nas imagens abaixo:

Sequência 10



Cena sobre Assédio sexual (2' de duração)



Cena sobre *Bullying* (2'30" de duração)



Cena sobre Preconceito (6'30" de duração)



Cena sobre Homofobia (4' de duração)

Sequência de cenas da apresentação final

As quatro cenas juntas somaram um total de 15 minutos de apresentação. No entanto, entre uma cena e outra sempre precisávamos reorganizar a mesa retirando ou colocando

algum acessório utilizado. Aproveitávamos também para arrumar os microfones dos alunos manipuladores que teriam falas e, ainda, organizávamos a sonoplastia de cada cena.

Na semana seguinte, no dia 15 de julho, retornamos à escola para uma apresentação no turno da tarde. Fizemos duas apresentações, por conta dos níveis de ensino que eram numerosos – a primeira apresentação foi feita para as turmas do PORONGA (Supletivo) e a segunda apresentação foi feita aos alunos e professores do Ensino Médio. O público discente daquele expediente não era tão receptivo, e não realizavam atividades práticas artísticas na escola. No início da apresentação houve muito deboche. Tivemos um pouco de dificuldade de concentração e organização, todavia, quando os bonecos entraram em cena, os alunos foram silenciando e voltaram sua atenção à apresentação.

A Coordenação do Centro de Educação Permanente de Rio Branco/AC nos convidou para uma participação especial no V Sarau⁹ do Polo. O evento aconteceu no dia 01 de setembro de 2016. O intuito era apresentar o resultado do meu trabalho como aluna do Curso de Licenciatura em Teatro da UnB, Universidade integrante do conjunto de Entidades de Ensino Superior da CEDUP/Rio Branco. As imagens abaixo retratam a apresentação da menina Laura e a cena da Negritude com Wesley Safadão.

Sequência 11



Apresentação no V sarau do CEDUP

⁹ Blog do CEDUP Rio Branco/AC <<http://polouabriobranco.blogspot.com.br/2016/09/v-sarau-do-cedup.html>>

Em seguida, a turma fez participação no Programa Viver Ciências, promovido em parceria entre a UFAC e a Secretaria de Educação do Estado. A apresentação no palco cultural aconteceu no dia 15 de setembro de 2016, encerrando a “temporada” com um total de 06 apresentações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O texto aqui apresentado tratou do relato da minha trajetória pessoal de pesquisa, onde vivi experiências artístico/pedagógicas com alunos da turma de 3º Ano da Escola Humberto Soares da Costa.

O Projeto desenvolvido foi idealizado em 2015, contudo foi tomando forma durante o semestre 2016.1, quando da sua aplicabilidade. Iniciamos o ano letivo com uma proposta contendo um cronograma previsto em 03 meses, com 12 aulas. E foi necessário moldar o que previmos a realidade da turma e ao calendário da escola. A segunda versão do Projeto previa o uso do primeiro semestre de 2016 porque, aos poucos, fomos detectando os percalços, e outros fatores que nos fizeram modificar os itens do cronograma de execução, por exemplo:

- a) fizemos as atividades de apresentação do Projeto e dos bonecos na primeira aula;
- b) o diretor da Companhia Núcleo do Olho nos informou que o grupo debandara o que impossibilitaria sua apresentação na escola. Então, adequamos o dia previsto para a apreciação e agilizamos a confecção dos bonecos;
- c) tínhamos 06 equipes, todavia uma delas teve o boneco destruído pelo cachorro de um dos membros do grupo. Eles não quiseram refazer o boneco e participar das atividades práticas. Esse acontecimento alterou a minha forma de avaliação final, tendo em vista que esta era baseada nas minhas observações dos alunos nas práticas em sala. Dos 06 alunos daquela equipe, somente três participaram das atividades de produção, registro fotográfico e de vídeo. Os outros três receberam somente a avaliação na participação da confecção dos bonecos e no seminário de pesquisa;
- d) iniciamos nossa pesquisa para a criação de cenas com três temas: *bullying*, preconceito e homofobia. Ao longo da etapa de criação de cenas, um grupo sugeriu discutir sobre o assédio sexual.

Então, no decorrer do semestre, fomos adequando as ideias, objetivos, cronograma e metodologia, traçando os caminhos condutores ao sucesso do projeto. As alterações necessárias não nos desmotivaram, tampouco inviabilizaram a proposta Artístico-pedagógica desejada.

Durante as apresentações no auditório da Escola e nos outros ambientes visitados, percebi a receptividade do público, a disposição dos alunos/atores/manipuladores, desejosos por mais apresentações. Contudo, encerramos o ano letivo de 2016 e guardamos os bonecos nos armários, já que toda a Turma de 3º Ano saiu da Escola e partiu para outros novos

projetos. Outrossim importante foi transmitir mensagens de combate às práticas de comportamentos tão nocivos à convivência dos alunos na Escola e em outros ambientes.

Acerca dos questionamentos que surgiram quando da idealização da proposta pedagógica, consegui obter respostas para alguns deles: consegui levar o teatro de bonecos para dentro da escola e trabalhar em sala de aula, utilizando o período letivo. Com o Projeto que propus desenvolvi atividades que mesclaram as quatro linguagens artísticas – teatro, música, dança e artes visuais; criamos cenas que discutiam temas sérios e complexos do dia a dia dos estudantes usando um personagem boneco como instrumento, onde os alunos autores das cenas ficavam em segundo plano, mas conseguiam transmitir suas mensagens.

Relacionar teoria e prática em tão pouco tempo de aula bimestral não é tarefa fácil, mas é possível ao professor moldar seu planejamento à realidade da sala de aula com a qual está lidando e conseguir alcançar seus objetivos e colher bons resultados de seu trabalho. É importante também o professor estar preocupado em inovar, levando atividades atrativas que despertem o interesse dos alunos e o desejo de aprender.

Sobre a pergunta que me fiz a respeito da melhor turma para desenvolver este trabalho, posso afirmar: não existe receita para a escolha da melhor turma. A minha escolha se deu pela empatia que já havia entre a turma do 2º Ano de 2015 e eu. Essa turma se transformou na turma de 3º Ano de 2016 que tinha muita aptidão para atividades artísticas e muito carinho pela minha proposta. Com outra turma, certamente, conseguiria finalizar o Projeto culminando na apresentação final. Talvez não tivesse cumprido os mesmos prazos, contudo, poderia obter resultados positivos em termos de reflexão crítica sobre os termos estudados.

Percebi a mudança comportamental do ambiente escolar. As reflexões sobre os temas nas cenas com os bonecos e os trabalhos realizados, depois das apresentações, auxiliaram os alunos em uma mudança de conduta. Aos poucos pude notar uma diminuição daqueles comportamentos ofensivos, antes comuns entre os alunos nos corredores da Escola e em sala de aula. Ressalto a mudança significativamente positiva, entretanto afirmo que aqueles comportamentos nocivos não foram extintos por completo.

No segundo semestre, os alunos participantes do Projeto já ajudavam na repressão daqueles comportamentos. Com os alunos do Ensino Fundamental II, nas minhas aulas de Religião, realizei atividades relativas ao combate às práticas discutidas nas cenas, como pesquisas, redação, desenhos, elaboração de histórias em quadrinhos, afixadas nos corredores da Escola e criação de paródias em músicas populares do repertório dos estudantes.

Outros professores aderiram às ideias do Projeto e, no Planejamento Horizontal, idealizamos atividades interdisciplinares com a professora de Biologia. Ela discutia sobre má formação genética; o professor de Sociologia estudava sobre o comportamento nas redes sociais; a professora de Filosofia discutia sobre o Belo e a professora de Português reforçou o empenho na confecção das páginas de Histórias de Quadrinhos afixadas nos corredores da Escola.

Os resultados obtidos durante o progresso das estratégias postas em prática e das apresentações foram satisfatórios e me deixaram certa de que fiz a melhor escolha metodológica para a abordagem a qual me propus: o estudo do Teatro de bonecos – um segmento do Teatro de Formas Animadas - através do boneco de manipulação direta, com estudos sobre Augusto Boal e o Teatro do Oprimido, discutindo temas polêmicos do cotidiano dos alunos, com seriedade, ludicidade, criatividade, humor e ética.

Com isso, creio que consegui desenvolver com os alunos uma reflexão crítica pautada nos objetivos no Projeto a partir da experiência estética da construção de cenas com bonecos de manipulação direta. E trouxe à Escola uma contribuição significativa, segundo relatado acima, quando menciono a mudança comportamental dos alunos.

Dada à importância dos assuntos aqui pesquisados e discutidos, vale ressaltar que, apesar de esta pesquisa ter sido realizada com fundamentações tão consistentes de pesquisadores renomados, como: Brochado, Boal, Sitchin, Beltrame, Amaral e outros citados ao longo do texto, faz-se necessário reconhecer o muito que ainda há a se fazer e a se estudar sobre o Teatro de Bonecos. Este possui um vasto campo de possibilidades artísticas englobando todas as linguagens da Arte. Estou ciente de que este escrito não se esgota aqui, porque não tratei de todos os possíveis vieses de pesquisa tratados neste projeto. Portanto, a continuação de minha empiria é um convite aberto a trabalhos futuros, inclusive resultantes desse Projeto no tocante à aplicabilidade de jogos teatrais e dramáticos em sala de aula, ou ainda, no sentido da receptividade e participação do espectador.

Por outro lado, é desejo meu o despertar da atenção de outros professores e/ou pesquisadores da área, amantes ou não do Teatro de Formas Animadas ou do Teatro de Bonecos. Registrar aqui as atividades realizadas durante o semestre e as experiências vividas com os alunos foi deveras valioso, haja vista que pude aprender sobre novas possibilidades de se trabalhar o Teatro de maneira pedagógica na sala de aula. Esse aprendizado se deu em todas as etapas vividas e observadas com os discentes no decorrer do primeiro semestre de 2016.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Joana. Por que Teatro no Ensino Médio? UAB-UNB, 2015.

ALMEIDA, Thiago. Formas animadas: técnicas de manipulação. Disponível em:<
<https://formasanimadas.wordpress.com/teatro-de-bonecos/tecnicas-de-manipulacao/>
 >Acessado em 06 out. 2017.

AMARAL, Ana Maria. **Teatro de formas animadas. Máscaras, Bonecos, Objetos.** São Paulo: Edusp, 1996.

_____. **Teatro de animação.** São Caetano do Sul: Ateliê Editorial, 1997.

_____. **O ator e seus duplos: máscaras, bonecos, objetos.** Ed. SENAC – SP, 2002.

_____. O teatro do inanimado. Disponível em:<
<https://formasanimadas.wordpress.com/2010/11/02/o-que-e-o-teatro-do-inanimado-por-ana-maria-amaral/>>. Acessado em 25 set. 2017.

BARBOSA, Ana Mae. **A imagem no ensino da arte: anos oitenta e novos tempos.** 8ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2010.

BELTRAME, Valmor. Maiakóvski e o Teatro de Formas Animadas. Revista *URDIMENTO*, Florianópolis, SC, v.1, n.4, p. 100-117, 2002.

_____. O trabalho do Ator-Bonequeiro. Revista NUPEART, Florianópolis, SC, v.2, n.2, p.33-52, set. 2003.

_____. (org). **TEATRO DE BONECOS: Distintos Olhares sobre Teoria e Prática.** Florianópolis: UDESC, 2008, p. 25.

BOAL, Augusto. **Teatro do oprimido e outras poéticas políticas.** 9ª ed – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

_____. **200 exercícios e jogos para e ator e o não ator com vontade de dizer algo através do teatro.** 10ª ed. - Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.

BROCHADO, Izabela. Mamulengo, teatro de bonecos brasileiro: história e linguagem. In.: Licenciatura em Teatro. Módulo 20: **Laboratório de Teatro de Formas Animadas.** Brasília: LGE Editora, 2009.

FERRAIUOLI, Adriano de Almeida. A ludicidade e a expressão criativa: o teatro de bonecos, na construção de experiências estéticas na Educação Básica. Trabalho de Conclusão de Curso (Dissertação). Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, 2011.

HOLANDA Jaime Ferreira; LOURENÇO Robson. O pensamento de Klauss Vianna aplicado à preparação corporal de manipuladores e à confecção de bonecos articulados. Revista *DAPesquisa*, v.12, n.18, p.79 - 92, abril 2017.

JAPIASSU, Ricardo. **A linguagem teatral na escola**. São Paulo: Papirus, 2007.

MARQUES Iasmim; LINARES Fernando; ROCHA Maurílio. A poética das formas no Teatro de Animação: A preparação corporal do ator durante a montagem *MetaForMose*. Disponível em: < <https://www.eba.ufmg.br/cadernodeencenacao/index.php/revista/article/view/14>> Acessado em 26 set. 2017.

MIACHON, Emile. “A abordagem cultural na prática pedagógica: Análise de uma experiência com o teatro de bonecos em escolas públicas”. Trabalho de Conclusão de Curso (Dissertação). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.

PONTES, Gilvânia Maurício Dias de. Reflexões sobre a experiência estética na educação. Revista *GEARTE*, Porto Alegre, v. 2, n. 2, p. 203-212, ago. 2015.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa. **Bullying: Mentos perigosas nas escolas**. – Rio de Janeiro : Objetiva, 2010.

SITCHIN, Henrique. **A possibilidade do novo no teatro de animação. Centro de estudos e práticas do teatro de animação**. Ed. 2. São Paulo, 2012.

ANEXO

Disciplina de Arte

Escola Humberto Soares da Costa

Professora: Silvia Rejane Teixeira de Abreu

Projeto Artístico Pedagógico

Teatro de Bonecos na Escola: brincadeira ou coisa séria?

2ª versão

Polo Rio Branco - AC

2016

1. Identificação

Professora de Arte: [Silvia Rejane Teixeira de Abreu](#)

Instituição Formal de Atuação: [Escola Estadual Humberto Soares da Costa](#)

Segmento: [Ensino Médio](#)

Turma: [3º ANO](#)

Total de encontros/horas: [16h/aulas](#)

2. Apresentação e contextualização

O Projeto será desenvolvido na Escola Estadual Humberto Soares da Costa, na Turma de 3º Ano do Ensino Médio, do turno da manhã.

A escola situa-se a cerca de 2 km (dois quilômetros) de minha residência, em um bairro central de classe média alta, da cidade de Rio Branco - AC. Possui um espaço interno muito amplo, pouco arborizado. As salas são iluminadas, arejadas, foi reformada e está adequada para a quantidade de alunos que comporta – em média 35 a 40 alunos por turma.

A maioria dos alunos desta escola reside no mesmo bairro em que a mesma está situada. Formada por alunos de Ensino Fundamental 2 e Ensino Médio, a escola recebe desde alunos de classe média baixa a alunos de classe média alta. Os alunos que frequentam a escola têm gostos artísticos bem diversificados: alunos que nunca foram ao teatro; alunos que frequentam teatro regularmente; alunos que ouvem MPB, sertanejo, e alunos que ouvem funk; alunos católicos, evangélicos e alunos que não frequentam igreja alguma. No entanto, Humberto Soares recebe a todos e os professores se empenham em trabalhar com igualdade e respeito.

Na Escola é muito comum perceber alguns comportamentos violentos ou brincadeiras que são nocivas ao convívio diário dos alunos. O Projeto “Teatro de Bonecos na Escola: brincadeira ou coisa séria?” visa a confecção de bonecos de manipulação direta com materiais recicláveis, com o intuito da criação e apresentação de cenas que tratam dessas situações conflituosas frequentes no cotidiano dos alunos, observados nos corredores da escola e dentro de sala de aula. A proposta é discutirmos sobre *Bullying*, preconceito e homofobia. Para tanto, previmos uma pesquisa sobre Augusto Boal e o Teatro do Oprimido na intenção de obtermos o melhor embasamento das cenas que deverão versar sobre o paradoxo ‘oprimido *versus* opressor’.

A proposta foi pensada para ser desenvolvida durante o semestre 2016.1 e está dividida em 04 módulos de 04 aulas cada um, em uma carga horária prevista de 16 h/a.

3. Objetivos:

Geral: Criar cenas que retratem situações do cotidiano dos alunos visando a promoção de uma reflexão crítica sobre o comportamento social, na convivência no meio escolar, a partir da produção de bonecos de manipulação direta.

Específicos:

- Confeccionar bonecos de manipulação direta para representação coletiva;
- Apreciar apresentações de teatros de bonecos;
- Conhecer aspectos importantes acerca do Teatro do Oprimido através de pesquisas e jogos para a criação de cenas;
- Criar e apresentar as cenas com os temas sugeridos.

4. Fundamentação Teórica

Na metodologia desta proposta, intenciona-se utilizar como base as ideias de Ana Mae Barbosa que sugere a triangulação na atividade artístico pedagógica. Dessa forma, as atividades serão abordadas divididas entre o apreciar, o contextualizar e o fazer artístico.

De acordo com Barbosa (2010, p. 35) “[...] somente a produção não é suficiente para a leitura e o julgamento de qualidade das imagens produzidas por artistas ou do mundo cotidiano que nos cerca.”. Assim, a escolha metodológica justifica-se pela necessidade de o aluno explorar e conhecer aspectos históricos sobre o teatro de bonecos e sobre o Teatro do Oprimido de Augusto Boal, apreciar, perceber e fruir interpretações de teatro de bonecos, confeccionar os bonecos e interpretar, criar cenas manipulando os bonecos confeccionados.

Japiassu (2007, p.01) em seu texto “Porque Teatro na Escola?”, fala da importância da teatralidade em nosso cotidiano quando este afirma que “a teatralidade encontra-se presente em todas as esferas da vida social”. Em sala de aula não é diferente, tendo em vista que, segundo o autor, utilizamos de teatralidade no processo comunicação social em nosso cotidiano. No entanto, a preocupação de Japiassu (Conferir Japiassu, 2007, p. 01-02) é, também, no tocante à fruição e a apreciação em sala de aula para conduzirmos o aluno à experiência estética.

Corroborando as palavras de Japiassu, a professora Joana Abreu (2015), em seu texto “Porque Teatro no Ensino Médio?”, relata sua preocupação com o fato de que “[...] em nosso sistema de ensino, quanto mais velho o aluno, menos acesso ele tem à experiência do faz-de-conta e da comunicação corporal consciente. Em nossas escolas, ‘brincar’ só é permitido às

crianças e, mesmo assim, até uma certa medida” (ABREU, 2015, p.01). Partindo desse pressuposto, este projeto justifica-se também pela necessidade de se oportunizar ao aluno do Ensino Médio, o acesso à atividades lúdicas e prazerosas, onde se possa desenvolver habilidades teatrais utilizando o Teatro de Formas Animadas – em nosso caso o Teatro de Bonecos. A ideia é lidar com a manipulação direta de bonecos que serão confeccionados pelos próprios alunos e criar cenas baseadas no TO para abordar temas conflituosos do dia a dia dos discentes.

Segundo Abreu (2015, p.03), [...] “em nossas escolas, não só não oferecemos a disciplina de teatro para os alunos, como não criamos oportunidades para que esses mesmos alunos assistam obras teatrais”. Considerando esta afirmação, temos como proposta, a apreciação de uma apresentação teatral da Cia. Núcleo do Olho, que trabalha com diversos aspectos do teatro de formas animadas, inclusive com confecção e manipulação de bonecos.

Outra etapa de nossa proposta, como mencionado anteriormente, prevê uma pesquisa sobre Augusto Boal e o TO. Nossa opção pelas teorias desse autor se justifica pelo fato de que a visão teatral de Boal acerca do Teatro do Oprimido se mistura com aquilo que pretendemos discutir em nossas cenas – a condição do oprimido x opressor nos temas Bullying, Preconceito e Homofobia. Se, através da Arte podemos ampliar a visão humana sobre sua própria condição social, despertar o senso crítico e conduzir o espectador à experiência estética, que seja este Projeto um caminho positivo para tais resultados, pois, de acordo com Boal:

O Teatro do Oprimido, em todas as suas formas, busca sempre a transformação da sociedade no sentido da libertação dos oprimidos. É a ação em si mesmo, e é a preparação para ações futuras. “Não basta interpretar a realidade: é necessário transformá-la!” – disse Max com admirável simplicidade (2009, p. 19).

O Teatro, assim como as outras formas de manifestação artística, possui a capacidade de abrir os olhos humanos para as realidades da vida. E é isso que nosso projeto com Teatro de Bonecos pretende: sensibilizar o corpo discente da escola para que possamos traçar uma mudança comportamental significativa na escola, a partir da culminância deste.

Segundo Boal [...] “o Teatro do Oprimido busca um teatro popular, feito do povo *para* o povo, subvertendo o teatro feito pela elite para o povo. Com isso, o oprimido tem a possibilidade de expressar-se teatralmente (1991, p.23)”. Assim, os alunos estudarão as propostas de Boal e criarão, com os bonecos, cenas para refletir sobre seu cotidiano onde os bonecos serão os personagens (oprimidos e opressores). E no encenamento, encenarão manipulando esses bonecos para os colegas de escola.

5. Propostas de atividades:

Durante o semestre serão desenvolvidas as seguintes ações, baseadas na proposta triangular de Ana Mae Barbosa:

- ↻ Estudo sobre as diversas formas de teatro de formas animadas;
- ↻ Aproximação com grupos de teatro locais;
- ↻ Confeção de bonecos de manipulação direta;
- ↻ Oficinas de criação de repertório corporal;
- ↻ Oficinas de manipulação de bonecos;
- ↻ O Teatro do Oprimido, de Augusto Boal;
- ↻ Fazer artístico – criação e apresentação de cenas.

6. Desenvolvimento

MÓDULO 1

CRONOGRAMA DE EXECUÇÃO:

AULA 1	AULA 2	AULA 3	AULA 4
- Apresentação do plano de curso; CONTEXTUALIZAÇÃO - Mostra de slides e vídeos sobre a diversidade de técnicas de Teatro de Formas Animadas;	- Sondagem sobre o teatro de bonecos; - APRECIÇÃO de vídeos;	- APRECIÇÃO de apresentação de teatro de bonecos com a Cia Núcleo do Olho – Rio Branco;	- Boneco de manipulação direta – Conhecer e manipular – o primeiro contato;

MÓDULO 2

CRONOGRAMA DE EXECUÇÃO:

AULA 1	AULA 2	AULA 3	AULA 4
- Divisão de equipes para confecção dos bonecos; - Confeção de Bonecos;	- Confeção de Bonecos;	- Confeção de Bonecos;	- Finalização dos bonecos; - caracterização;

MÓDULO 3

CRONOGRAMA DE EXECUÇÃO:

AULA 1	AULA 2	AULA 3	AULA 4
- Pesquisa sobre Augusto Boal e o Teatro do Oprimido;	- Seminário e debate em sala de aula – apresentação dos resultados da pesquisa;	- Oficina de criação de partitura corporal;	- Oficina de criação de partitura corporal;

MÓDULO 4


CRONOGRAMA DE EXECUÇÃO:

AULA 1	AULA 2	AULA 3	AULA 4
- Oficina de manipulação de bonecos e criação de cenas;	- Oficina de manipulação de bonecos e ensaio das cenas;	- Oficina de manipulação de bonecos e ensaio das cenas;	- Apresentação dos grupos – Teatro de bonecos de manipulação direta sob aspectos do Teatro do Oprimido, de Augusto Boal, para os alunos da escola – o FAZER artístico.

7. Avaliação

A avaliação ocorrerá durante o desenvolvimento do Projeto. Serão avaliados os seguintes itens:

- ☞ Participação nas aulas;
- ☞ Autonomia nas atividades individuais e em grupo;
- ☞ Participação nas pesquisas;
- ☞ Participação efetiva nas oficinas;

 Interpretação – participação nas apresentações das cenas de manipulação dos bonecos.

8. Recursos didáticos

Notebook, Datashow, Caixa amplificadora, quadro branco, pincel.

9. Recursos Materiais

TNT de várias cores, papel A4, tesouras, linhas, agulhas, papelão, jornais, fita crepe, barbante, pincéis coloridos, EVA, tecidos e colas em bastão e líquida.

10. Bibliografia

ABREU, Joana. Por que Teatro no Ensino Médio? UAB-UNB, 2015.

BARBOSA, Ana Mae. **A imagem no ensino da arte: anos oitenta e novos tempos**. 8ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2010.

BOAL, Augusto. **Teatro do oprimido e outras poéticas políticas**. 9ª ed – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

_____. **200 exercícios e jogos para o ator e o não ator com vontade de dizer algo através do teatro**. 10ª ed. - Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.

JAPIASSU, Ricardo. **A linguagem teatral na escola**. São Paulo: Papirus, 2007.